

## TRADIÇÃO E PERMANÊNCIA DO *TETRÁSTIKHON*, A MINIFÁBULA

Maria Celeste Consolin DEZOTTI\*

**Resumo:** Em "O Pastor e o Leão" (VI.1), La Fontaine menciona "um certo Grego" que "se vangloria/ de uma elegância concisa", pois "reduz sempre seu conto a quatro versos." Quem seria esse Grego? O primeiro autor de fábulas gregas em versos é Bábrio (séc. 1 d.C.). Entre suas fábulas, compostas em colíambos, há de fato uma criação original: o texto de quatro versos, denominado *tetrástikhon*. Esse formato foi amplamente imitado por autores medievais, destacando-se entre eles Inácio Diácono (séc. 9). Apesar da restrição de La Fontaine a essa espécie de minifábula, ela continuou a desafiar os poetas. Na literatura brasileira, a fábula em quarteto teve dois adeptos: Bomsucesso (séc. 19) e Mário Quintana (séc. 20).

**Palavras-chave:** Anastácio do Bomsucesso; Fábula; La Fontaine; Mário Quintana; Quarteto; *Tetrástikhon*.

**Abstract:** In his fable "The Shepherd and the Lion" (VI.1), La Fontaine mentions "a certain Greek" who "boasts/ of a laconic elegance", since "he always compresses his fables in four lines". To whom La Fontaine is referring? Babrius (1st century) is the first poet to write fables in greek verse. Among them, written in choliambic verses, we find a unique structure: fables compressed in four lines, the so called *tetrástikhon*. That shape was imitated by medieval writers, among them we highlight Ignatius Diaconus (9th century). Although Fontaine depreciates this kind of mini fable, it keeps challenging poets. Brazilian Literature has two fans of fable in quatrain: Anastácio do Bomsucesso (19th century) and Mário Quintana (20th century).

**Keywords:** Anastácio do Bomsucesso; Fable; La Fontaine; Mário Quintana; Quatrain; *Tetrástikhon*.

---

\* Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas / FCL/UNESP. Email: [maria.celeste@unesp.br](mailto:maria.celeste@unesp.br).

O livro VI das *Fábulas* de La Fontaine se abre com uma fábula dupla, reunindo num só texto a fábula I, "O Pastor e o Leão", e a fábula II, "O Leão e o Caçador". Vejamos essas fábulas, em tradução de Maria Letícia Guedes Alcoforado (2018, p. 198-200):

I-II	
O Pastor e o Leão - O Leão e o Caçador	
As fábulas não são o que parecem ser; O animal mais simples nos serve de mestre. Uma moral sem disfarce provoca aborrecimento; O conto deixa passar através dele a lição. Com esse tipo de dissimulação é preciso instruir e agradar;	05
Contar por contar parece-me de pouco interesse. É por essa razão que, alegrando o espírito, Muitos escritores famosos adotaram esse gênero. Todos evitaram o ornamento e a excessiva extensão; Não encontramos neles palavra inútil.	10
Fedro era tão sucinto que alguns o criticaram por isso; Esopo com menos palavras também se exprimiu. Mas, entre todos, um certo Grego exagera e se vangloria De uma elegância concisa;	15
Ele reduz sempre seu conto a quatro versos. Bem ou mal, deixo que os peritos o julguem. Vejamos o fato com Esopo em um assunto semelhante. Um coloca um Caçador em sua fábula, o outro, um Pastor. Segui o projeto deles quanto ao resultado, Acrescentando de passagem apenas algum traço.	20
Eis como, mais ou menos, Esopo o conta:	
Um Pastor, vendo que lhe faltava uma de suas Ovelhas, Quis a todo custo pegar o Ladrão. Aproxima-se de uma caverna e estende, à volta dela, Laços para prender Lobos, desconfiando dessa raça.	25
"Antes que eu abandone estes lugares, Se fizeres, invocava, ó Monarca dos Deuses, Que o velhaco nestes laços se prenda em minha presença, E que eu saboreie este prazer, Entre vinte Bezerros quero escolher O mais gordo para oferecer-te."	30
A essas palavras sai da caverna um Leão grande e forte. O Pastor se esconde e diz, mais morto que vivo: "Como o homem não sabe, pobre de mim, o que pede! Para achar o Ladrão que destruiu meu rebanho, E vê-lo preso nestes laços antes que eu partisse, Ó Monarca dos Deuses, prometi um bezerro: Prometo-te um Boi se fizeres que ele se afaste."	35
Foi assim que o contou o Autor principal; Passemos a seu imitador.	40
Um Fanfarrão amante da caça, Acabando de perder um Cão de boa raça, Que ele pensava estar na barriga de um Leão, Viu um Pastor. Ensine-me, por favor, Do meu Ladrão, disse-lhe, a casa, Para que me vingue.	45
O Pastor respondeu: É nesta montanha. Pagando-lhe como tributo um Carneiro Por mês, ando no campo Como me apraz; e vivo com tranquilidade. No momento em que trocavam essas palavras, O Leão sai e vem com passo ágil. O Fanfarrão logo procura esquivar-se.	50

Ó Júpiter, mostre-me algum abrigo,  
Exclamou, que me possa salvar. 55

A verdadeira prova de coragem  
Só se demonstra no perigo que se toca com o dedo.  
Aquele que o procurava, diz ele, muda de tom  
E foge logo que o percebe. 59

Os vinte e um versos iniciais desse texto funcionam como um prólogo, em que La Fontaine comenta o gênero fábula e, do verso nove em diante, ele se detém num aspecto fundamental desse gênero: a extensão. Retomemos a passagem a partir do verso oito, examinando também o texto original de La Fontaine (1991, p. 209) e grifando os itens que nos interessa ressaltar:

Nombre de gens fameux en ce genre ont écrit.  
Tous ont fui l'ornement et le trop d'étendue;  
On ne voit point chez eux la parole perdue. 10  
*Phèdre* étoit si succinct, qu'aucuns l'en ont blâmé;  
*Ésope* en moins de mots s'est encore exprimé.  
Mais sur tous *certain Grec renchérit, et se pique*  
*D'une élégance laconique;*  
*Il renferme toujours son conte en quatre vers:* 15  
Bien ou mal, je le laisse à juger aux experts.

Muitos escritores famosos adotaram esse gênero.  
Todos evitaram o ornamento e a excessiva *extensão*;  
Não encontramos neles palavra inútil. 10  
*Fedro* era tão sucinto que alguns o criticaram por isso;  
*Esopo* com menos palavras também se exprimiu.  
Mas, entre todos, *um certo Grego exagera e se vangloria*  
*De uma elegância concisa;*  
*Ele reduz sempre seu conto a quatro versos.* 15  
Bem ou mal, deixo que os peritos o julguem.

La Fontaine destaca a brevidade como característica marcante do texto da fábula e, depois de comentar o estilo de Fedro e o de Esopo, menciona "um certo Grego" que exagera na brevidade, orgulhando-se de uma "elegância concisa" ("élégance laconique", v. 14), concisão que ele obtém reduzindo a narrativa a quatro versos. Embora delegue aos peritos a avaliação desse formato, La Fontaine deixa claro o seu desapeço por ele, quando afirma que esse Grego "exagera" ("renchérit", v. 13).

Feito o contraponto entre as duas extensões, a canônica, digamos assim, de Esopo e de Fedro, e a exageradamente concisa do tal Grego, La Fontaine passa a ilustrá-las com as duas versões de uma mesma fábula.

Primeiramente, ele conta a fábula "O Pastor e o Leão" à maneira de Esopo – que ele considera "o Autor principal" (v. 39) – e narra em dezesseis versos (versos 21 a 38) a história de um pastor que monta uma armadilha na entrada de uma caverna para pegar um lobo que ele imagina ser o ladrão de uma de suas ovelhas; esse pastor promete sacrificar ao "Monarca dos deuses" um gordo bezerro caso consiga apanhar o lobo. Contudo, para sua surpresa, quem sai da caverna é um leão! Então o pastor imediatamente modifica a promessa: troca o bezerro por um boi, desejando escapar vivo daquele encontro.

Em seguida La Fontaine avisa que vai contar a fábula "O Leão e o Caçador", à maneira do tal Grego conciso – a quem ele se refere como "imitador" de Esopo (v. 40) –, e conta em quinze versos (versos 41 a 55) a

história de um caçador fanfarrão que perdeu o cachorro e supõe que ele tenha sido devorado por um leão. O caçador deseja vingança e, para encontrar o leão, pede ajuda a um pastor. Ao ser informado de que o leão habita a montanha próxima, o fanfarrão é surpreendido pelo aparecimento do inimigo em pessoa e imediatamente se esquece da vingança, implorando a Júpiter a salvação.

Vemos que, do ponto de vista da quantidade de versos, as narrativas das duas fábulas não são tão diferentes, pois a da primeira tem apenas um verso a mais que a da segunda. Contudo elas diferem na extensão dos versos: na primeira fábula predominam versos de doze sílabas e na segunda, versos decassílabos.

Em todo caso, atentemos para o fato de que, mesmo dizendo que vai contar uma fábula segundo o estilo daquele "certo Grego" que sintetiza a narrativa em quatro versos, La Fontaine deixa claro que rejeita esse formato conciso e compõe uma fábula de extensão canônica.

## Um certo Grego

Mas quem seria esse Grego, fabulista de exagerada concisão?

Nessa fábula dupla que acabamos de ver, a edição de La Fontaine (1991, p. 209) traz uma nota de rodapé, de autoria do próprio poeta, esclarecendo que esse Grego é Gabrias. O nome Gabrias, transliteração do grego Γαβρίας, — em português dizemos Gábrias —, é, segundo Perry (1975, p. lxiv), uma variante grega tardia do antropônimo latino Babrius — Bábrio em português —, encontrada em manuscritos bizantinos.

E quem é Bábrio?

Bábrio é um poeta que teria vivido no séc. 1 d.C. Apesar da nacionalidade romana, evidente em seu nome latino (DEZOTTI, 2020, p. 157-158), Bábrio compôs fábulas em grego, usando um verso de tradição satírica chamado coliambo ou iambo coxo, assim chamado porque substituía por uma sílaba longa a penúltima sílaba do verso, que devia ser breve, quebrando, assim, o compasso. Atualmente conhecemos 143 fábulas suas. Desse conjunto sobressaem dezenove, que são muito curtas, todas com narrativas em quatro versos, ou seja, são fábulas em *tetrástikhon*. Seguem dois exemplos:

[Bábrio 8]

Ἄραψ κάμηλον ἀχθίσας ἐπηρώτα  
πότερ' ἀναβαίνειν μᾶλλον ἢ κάτω βαίνειν  
αἰροῖτο. χὼ κάμηλος οὐκ ἄτερ μούσης  
εἶφ' "ἠ γὰρ ὀρθὴ τῶν ὁδῶν ἀπεκλείσθη;" (PERRY, 1975, p. 14)

### O árabe e o camelo<sup>1</sup>

Um árabe pôs a carga num camelo  
e perguntou se ele preferia seguir caminho  
acima ou abaixo. E o camelo, espirituoso,  
disse: "E o caminho reto? Está impedido?"

[Bábrio 60]

Ζωμοῦ χύτρη μῦς ἐμπεσῶν ἀπωμάστῳ  
καὶ τῷ λίπει πνιγόμενος ἐκπνέων τ' ἦδη

<sup>1</sup> As traduções dos textos gregos e franceses citados a seguir são de minha autoria. A propósito, as fábulas de Bábrio não têm títulos; os que acompanham as traduções são acréscimos meus.

“βέβρωκα” φησί “καὶ πέπωκα καὶ πάσης  
τροφῆς πέπλησμαι· καιρὸς ἐστὶ μοι θνήσκειν.” (PERRY, 1975, p. 76)

#### **O rato na panela**

Numa panela de molho destampada caiu um rato  
que foi se afogando na gordura e, já expirando,  
disse: "Comi, bebi e de todos os regalos  
estou saciado. Estou morrendo na hora certa."

A maioria de suas fábulas em *tetrástikhon* é como essas duas, compostas apenas de texto narrativo. Mas há algumas que acrescentam aos quartetos um ou dois versos, para expressar a moralidade. Vejam este exemplo:

[Bábrio 29]

Γέρων ποθ' ἵππος εἰς ἀλητὸν ἐπράθη,  
ζευχθεὶς δ' ὑπὸ μύλην πᾶσαν ἐσπέρην ἤλει.  
καὶ δὴ στενάξας εἶπεν “ἐκ δρόμων οἴων  
καμπτήρας οἴους ἀλφιτεῦσι γυρεύω.”  
Μὴ λίαν ἐπαίρου πρὸς τὸ τῆς ἀκμῆς γαῦρον.  
πολλοῖς τὸ γῆρας ἐν κόποις ἀνηλώθη. (PERRY, 1975, p.40-42)

#### **O cavalo velho**

Era uma vez um cavalo velho que, vendido a um moinho,  
sob o jugo da mó passava a tarde toda a moer.  
Então ele disse, gemendo: "Depois daquelas corridas,  
fico nestas raias dando voltas para moleiros."  
Não te envaideças tanto, orgulhoso do auge de tua vida,  
pois em incontáveis dores se consome a velhice.

E há também um texto muito mais conciso, que dispõe nos dois primeiros versos do quarteto a narrativa e, nos dois últimos, a moralidade:

[Bábrio 41]

Διαρραγῆναι φασιν ἐκ μέσου νώτου  
δράκοντι μῆκος ἐξιουμένην σαύραν.  
Βλάψεις σεαυτὸν κοῦδὲν ἄλλο ποιήσεις,  
ἦν τὸν γε λίαν ὑπερέχοντα μιμήση. (PERRY, 1975, p. 54-56)

#### **O lagarto e a cobra**

Dizem que um lagarto se rompeu ao meio no lombo,  
tentando igualar-se em tamanho a uma cobra.  
Nada farás além de causar prejuízo a ti próprio  
se aquele que te é bem superior tentares imitar.

Com exceção da primeira fábula que vimos ("O árabe e o camelo"), todas as outras têm versões correspondentes em Esopo. E seria um trabalho interessante cotejar as duas versões, a esópica em prosa e a babriana em versos, para observar como o poeta seleciona os elementos da narrativa para compor o *tetrástikhon*. A título de ilustração, compare-se com o quarteto anterior ("O lagarto e a cobra") o texto em prosa de Esopo, correspondente à fábula 33 da edição de Chambry (1927, p. 18):

#### **Ἀλώπηξ καὶ δράκων**

[Συκέα παρ' ὁδὸν ἦν.] Ἀλώπηξ δὲ θεασαμένη δράκοντα κοιμώμενον ἐζήλωσεν αὐτοῦ τὸ μῆκος· βουλομένη δὲ αὐτῷ ἐξιωθῆναι παραναπεσοῦσα ἐπειρᾶτο ἐαυτὴν ἐκτείνειν, μέχρις οὗ ὑπερβιαζομένη ἔλαθε ῥαγεῖσα.  
Τοῦτο πάσχουσιν οἱ τοῖς κρείττοσιν ἀνθαμιλλώμενοι· θάπτον γὰρ αὐτοὶ διαρρήγνυνται ἢ ἐκείνων ἐφικέσθαι δύνανται.

### **A raposa e a serpente**

[Havia uma figueira à beira do caminho.] Uma raposa avistou uma cobra adormecida e sentiu inveja de seu tamanho. Desejando igualar-se a ela, deitou-se ao lado e tentou esticar-se tanto que, extrapolando os limites, não se deu conta e arrebitou-se.

Isso é o que acontece com os que se indispõem contra os superiores. Eles próprios se arrebitam antes de conseguir atingi-los.

A fábula em quarteto (*tetrástikhon*), que estou chamando de minifábula, é uma criação de Bábrio, motivada sem dúvida pelos princípios da estética helenística ainda vigente em seu tempo, a qual valorizava a busca do novo como estratégia de subsistência artística frente à literatura grega do passado, já considerada canônica no Período Alexandrino. Essa busca da novidade resultou em variados experimentos formais, a maioria deles vinculada a formas breves, dentre os quais se destacam os poemas figurados, de enorme repercussão na literatura ocidental (DEZOTTI, 2010). É nessa linha de experimentos que surge o *tetrástikhon* babriano.

Esse formato de fábula concisa, compactada em um quarteto, fez sucesso na Antiguidade e foi praticado também por Fedro, que, segundo Perry (1975, p. lxxx), viveu no século I d.C., tendo sido, portanto, contemporâneo de Bábrio. Entre as fábulas de Fedro, encontramos quatro textos em *tetrástikhon*. Três deles desenvolvem a narrativa no quarteto e acrescentam para a moralidade versos em epímio, como "A raposa e as uvas" (IV.3) e "O touro e o vitelo" (V.9), ou em promíio, como "Os cães famintos" (I.20). São estes:

### **De vulpe et uva**

Fame coacta vulpes alta in vinea  
uvam adpetebat, summis saliens viribus.  
quam tangere ut non potuit, discedens ait  
"Nondum matura es; nolo acerbam sumere."

Qui, facere quae non possunt, verbis elevant,  
adscribere hoc debebunt exemplum sibi. (PERRY, 1975, p. 302-304)

### **A raposa e as uvas<sup>2</sup>**

Forçada pela fome, uma raposa tentava apanhar um cacho de uva numa alta videira, saltando com todas as suas forças. Como não conseguisse alcançá-lo, afastando-se, diz: "Ainda não estás maduro; não quero comer-te verde."

Os que desdenham com palavras as coisas que não conseguem fazer, deverão aplicar a si este exemplo.

### **Taurus et vitulus**

Augusto in aditu taurus luctans cornibus  
cum vix intrare posset ad praesepia,  
monstrabat vitulus quo se pacto flecteret.

"Tace" inquit; "ante hoc novi quam tu natus es."

Qui doctiorem emendat sibi dici putet. (PERRY, 1975, p. 366)

### **O touro e o vitelo**

Como um touro, lutando com os chifres numa passagem estreita, mal podia entrar no curral, um vitelo lhe mostrava como se curvar.

"Cala-te", diz; "sei isso antes de teres nascido."

Que aquele que corrige um mais sábio considere que isso é dito para si.

---

<sup>2</sup> As fábulas de Fedro citadas neste estudo foram traduzidas por José Dejalma Dezotti.

### Canes famelici

Stultum consilium non modo effectu caret,  
sed ad perniciem quoque mortalis devocat.  
Corium depressum in fluvio viderunt canes.  
id ut comesse extractum possent facilius,  
aquam coepere ebibere: sed rupti prius  
periere quam quod petierant contingerent. (PERRY, 1975, p. 214)

### Os cães famintos

Um plano tolo não só não tem efeito  
mas também arrasta os mortais para a desgraça.  
Uns cães viram um couro no fundo de um rio.  
Para que pudessem mais facilmente tirá-lo e comê-lo,  
começaram a beber a água: mas morreram  
arrebetados antes que atingissem o que buscavam.

E, por último, há esta fábula (IV.24) de máxima concisão, que encaixa no quarteto a narrativa e a moralidade:

### Mons parturiens

Mons parturibat, gemitus immanes ciens,  
eratque in terris maxima expectatio.  
at ille murem peperit. Hoc scriptum est tibi,  
qui, magna cum minaris, extricas nihil. (PERRY, 1975, p. 338)

### A montanha dando à luz

A montanha estava dando à luz, soltando medonhos gemidos,  
e havia na terra a maior expectativa.  
Mas ela pariu um rato. Isto foi escrito para ti,  
que, apesar de prometeres grandes coisas, não realizas nada.

Observe-se que algumas das fábulas mais famosas de Fedro estão compostas em quarteto, como essa última, a da montanha que pariu um rato. Por isso, chama a atenção o fato de La Fontaine fazer referência ao estilo conciso de Fedro, mas não comentar nada a respeito dessas fábulas em *tetrástikhon*. Tal silêncio pode ter a justificativa de que elas são esporádicas no conjunto de quase cem do poeta latino. Portanto, a atenção de La Fontaine está centrada naquele "certo Grego" porque ele "reduz sempre seu conto a quatro versos" (verso 15; grifo meu) ou seja, o *tetrástikhon* é o único modelo de fábula que ele produziu.

Já vimos que esse Grego é identificado como Gábrias e que esse nome é uma variante do nome Bábrio. Por outro lado, sabemos que, no tocante ao fabulista Bábrio do século I, o *tetrástikhon* é apenas um dos formatos de fábula que ele compôs. Lembremos que, das suas 143 fábulas, apenas 19 são quartetos, enquanto as demais exibem aquela extensão canônica referida por La Fontaine. A propósito, vale observar que Bábrio compôs em dez versos, e não em quatro, a sua versão da fábula "O caçador e o leão", que La Fontaine diz recontar inspirado na fábula concisa de Gábrias. Vejamos a fábula de Bábrio:

[Fábula 92]

Λέοντα τις κυνηγός οὐχὶ τολμήεις  
ἵχνευεν ὀρέων ἐν βαθυσκίοις ὕλαις·  
δρυτόμῳ δὲ μακρῆς ἐγγύς ἐντυχῶν πεύκης  
"ὦ πρός σε νυμφῶν," εἶπεν, "ἄρα γινώσκεις  
ἵχνη λέοντος ὅστις ὦδε φωλεύει;"  
κάκεϊνος εἶπεν "ἀλλὰ σὺν θεῷ βαίνεις·  
αὐτὸν γὰρ ἤδη τὸν λέοντά σοι δεῖξω."  
ὁ δ' ὠχρήσας γομφίους τε συγκρούων

“μή μοι χαρίζου” φησὶ “πλεῖτον οὐ χρήζω,  
τὸ δ’ ἵχνος εἰπέ· τὸν λέοντα μὴ δεῖξις.” (PERRY, 1975, p. 112)

#### **O caçador e o leão**

De um leão um caçador nem um pouco destemido  
seguia as pegadas em densas florestas das montanhas.  
Ao deparar com um lenhador junto de um alto pinheiro  
disse: “Imploro-te, pelas ninfas, acaso tens notado  
as pegadas de um leão que se entoca por aqui?”  
E ele falou: “Mas há um deus em teu caminho!  
Pois eu já vou te mostrar o próprio leão!”  
Mas o outro, empalidecido, batendo os dentes  
fala: “Não me favoreças além do que eu preciso,  
diz só a pegada; não me mostres o leão.”

Portanto, não é ao Bábrio do século 1 que La Fontaine está se referindo e podemos afirmá-lo por duas razões: primeiro, porque a versão da fábula de Bábrio não constitui um quarteto e, segundo, porque La Fontaine não conheceu as fábulas desse poeta grego. Isso porque as fábulas de Bábrio, depois de terem alcançado enorme prestígio na Antiguidade, foram desaparecendo ao longo da Idade Média, misturando-se à vasta produção de fábulas anônimas, recebendo paráfrases em prosa e se perdendo em manuscritos que ficaram esquecidos nas bibliotecas dos mosteiros até meados do século 19, quando foi descoberto, numa biblioteca do Monte Atos, um manuscrito datado do século 10, contendo 122 fábulas desse poeta<sup>3</sup>.

Mesmo assim, o *tetrástikhon* inventado por ele continuou a ser praticado e a ganhar fama, graças sobretudo aos textos de Inácio Diácono, escritor bizantino de quem conhecemos 53 fábulas em quartetos, forjados em trímetros iâmbicos.

### **Inácio Diácono**

Inácio Diácono foi um erudito que viveu no século 9 e que atuou como diácono e guardião da basílica de Constantinopla. Além das fábulas em quartetos, ele também compôs biografias, elegias, epístolas e iambos. Suas fábulas, no entanto, só foram editadas sete séculos mais tarde em Veneza, já no Renascimento, em 1505, por Aldo Manutio. Essa primeira edição trazia o subtítulo *Aesopiarum fabularum epitomae in quaternos trimetros iambicos redactae* (Epítomes de fábulas esópicas redigidos em quartetos de trímetros iâmbicos) e indicava como autor o nome Gábrias, que foi mantido também na segunda edição, de 1518. É só na terceira edição, publicada na Alemanha no final desse mesmo século, em 1598, que o editor C. Rittershausen apõe, ao lado de Gábrias, o nome do autor real: Γαβρίου ἢ μᾶλλον ἰγνατίου Διακόνου τετράστιχα εἰς μύθους αἰσωπικούς (De Gábrias, ou melhor, de Inácio Diácono fábulas esópicas em quartetos).

O prestígio alcançado pelas fábulas de Inácio nós podemos medir pela quantidade de edições que elas ganharam ao longo dos séculos: do século 16 ao 19 os seus *tetrástikha* receberam 12 edições.

Voltemos ao La Fontaine para amarrar alguns fios de nossa exposição.

---

<sup>3</sup> Para conhecer a mirabolante história da recuperação das fábulas de Bábrio, decorrente de uma das muitas missões de caçada a manuscritos organizadas na Europa a partir do século 17, veja-se IRIGOIN, 2003.

O primeiro volume de suas *Fábulas*, que abriga o livro VI, foi publicado em 1668. Podemos, portanto, supor que La Fontaine não chegou a conhecer, antes dessa data pelo menos, aquela terceira edição das fábulas de Inácio que informava no título o seu nome ao lado do de Gábrias e, por isso, ele identifica o "certo Grego" como Gábrias, de quem seleciona a fábula do leão e do caçador e a reescreve no livro VI. É o momento, portanto, de darmos a conhecer, em primeira tradução em língua portuguesa, o *tetrástikhon* 26 de Inácio Diácono, que La Fontaine conhecia:

#### **Περὶ δειλοῦ κυνηγοῦ καὶ ποιμένου**

Δειλὸς κυνηγὸς πρὸς τιν' εἶπε ποιμένα·  
"Εἶ που λέοντος εἶδες ἵχνη, μοι φράσον."  
"Σοὶ τοῦτον", εἶπεν, "εἰ θέλεις, δείξω πέλας."  
"Ἴχνους", κυνηγὸς εἶπεν, "οὐ ζητῶ πλέον."  
Πρὸς ἀνθρώπους θρασεῖς πρὸς λόγους καὶ πρὸς ἔργα δειλοῦς.  
(MÜLLER, 1886, p. 29)

#### **Sobre o caçador medroso e o pastor**

Diz um caçador medroso a um pastor:  
"Se você viu rastros de leão, me aponte."  
"Se quer", disse, "te mostro o próprio aqui perto."  
"Rastros", diz o caçador, "mais não busco!"  
Para homens arrogantes nas falas e pusilânimes nos atos.

Das 53 fábulas de Inácio, apenas quatro correspondem a quartetos de Bábrio. A título de ilustração, compare-se a fábula 96 de Bábrio ("O lobo e o carneiro insolente") com a fábula 9 de Inácio ("O carneirinho e o lobo"), ambas versando sobre um mesmo tema:

#### [Bábrio 96]

Λύκος παρῆει θριγκόν, ἔνθεν ἐκκύψας  
ἀρνειὸς αὐτὸν ἔλεγε πολλὰ βλασφήμως,  
κάκεινος εἶπε τὰς σιαγόνας πριῶν·  
"ὁ τόπος μ' ἐλοιδόρησε, μὴ σὺ καυχῆσθι."  
[Ὁ μῦθος ὀρθῶς πᾶσι τοῦτο μηνύει,  
μηδεὶς διὰ καιρὸν ἰσχύων τι γαυρούσθω.] (PERRY, 1975, p. 124)

#### **O lobo e o carneiro insolente**

Um lobo passava junto a um paredão, de onde um carneiro se debruçava e se pôs a dizer-lhe muitas ofensas. E ele, fechando a cara, falou:  
"O lugar é que me insultou. Não te envaideças!"  
[A todos a fábula com acerto revela isto: que ninguém se orgulhe de um poder momentâneo.]

#### [Inácio Diácono, 9]

#### **Ἄρνος καὶ λύκος**

Πύργου προκύπτων ἀρνὸς ἔσκωπτεν λύκον  
ὡς ἐχθρὸν, ὡς κάκιστον, ὡς μεστὸν φόνου.  
Ἄνω δὲ βλέψας φησὶν· "Ὁ σκώπτεις σὺ με,  
Πύργος δ', ὃς ὀπλίζει σε πρὸς μέγα θράσος."  
Καιρῷ μὴ θρασύνεσθαι. (MÜLLER, 1886, p. 20)

#### **O carneirinho e o lobo**

Debruçando-se de uma torre, um carneirinho xingava um lobo de abominável, celerado, assassino. Olhando para cima, ele diz: "Não é você que me xinga, Mas a torre, que te arma para tamanha audácia."  
Não ponhas demasiada confiança na ocasião.

## Fábulas brasileiras em quartetos

Apesar da restrição de La Fontaine, a fábula em quarteto fez história e marca presença também na literatura brasileira.

O primeiro escritor brasileiro a compor fábulas em *tetrástikhon* foi Anastácio Luiz do Bomsucesso, conhecido como Doutor Bomsucesso. Médico de formação, publicou no final do século 19 duzentas fábulas. A maioria delas é original, todas em versos e de uma impressionante variedade métrica que lembra La Fontaine. Elas vêm acompanhadas de notas do autor e na primeira dessas notas Bomsucesso (1895, p. 261) menciona os fabulistas que o inspiraram, figurando entre eles Esopo, Fedro, La Fontaine, Florian e Lachambeaudie. E, nestes dois últimos, localizamos alguns dados que ajudam a pavimentar o caminho do *tetrástikhon* na modernidade.

Florian, fabulista francês do século 18, não compôs fábulas em quartetos mas as conhecia, pois, no texto que compôs como introdução às suas fábulas ele comenta a história desse gênero e, ao falar dos apólogos indianos, cita Gábrias. Veja-se a passagem (1810, p. 21):

Ils passèrent ensuite en Grèce sous le titre de fables d'Ésope. Phèdre les fit connaître aux romains. Après Phèdre, plusieurs latins, Aphonius, Avien, Gabrias, composèrent aussi des fables.

Eles passaram em seguida à Grécia sob o nome de fábulas de Esopo. Fedro os apresentou aos romanos. Depois de Fedro, vários latinos, Aftônio, Aviano, Gábrias, também compuseram fábulas.

Nesse rol de fabulistas latinos, a presença do nome de Gábrias entre eles merece uma nota: a edição de Christiano Gilberto, de 1689, das fábulas de Inácio Diácono é especial, por consistir numa antologia de 12 *tetrástikha* em grego, seguidos, cada um deles, de oito versões latinas em diferentes metros (iâmbico, escazonte, trocaico, heroico, coriâmbico, falécio, sáfico, anapéstico) e não necessariamente em quartetos. Florian sem dúvida conheceu essas versões latinas produzidas por Inácio, tendo visto, na página de rosto da edição, o título da obra, em grego e em latim, com os nomes de Gábrias e de Inácio citados em sequência: Γαβρίου ἢ μᾶλλον Ἰγνατίου Διακόνου τετραστιχῶν εἰς μύθους Αἰσωπικοὺς δώδεκας. Sive Gabriae seu potius Ignatii Diaconi tetrastichorum in fabulas aesopicas dodecas. Octuplici versione metrica latina (De Gábrias, ou melhor, de Inácio Diácono, doze fábulas esópicas em quartetos. Com oito versões em metros latinos).

Mas quero dar especial destaque ao nome de Lachambeaudie, fabulista francês do século 19, pois entre suas fábulas há dois exemplos de *tetrástikhon*. São estas:

### Fanfan et le bâton

Fanfan fit un cheval d' un bâton, qui, plus tard,  
Devint l' appui de sa vieillesse.  
Ce bâton, dites-moi, n'est-ce pas la sagesse  
Dont s' amuse l' enfant, dont se sert le vieillard? (1851, p. 83)

### Fanfan e a bengala

Fanfan fez de uma bengala um cavalo, e ela mais tarde

se tornou o apoio de sua velhice.  
Essa bengala, me digam, não é a sabedoria  
com que a criança se diverte, e que o velho utiliza?

#### **Les fleurs et les épines**

De l' homme et du rosier telle est la destinée:  
D' épines et de fleurs se couvre leur printemps.  
Bientôt la fleur s' envole au souffle des autans;  
Seule, l' épine reste et se dresse obstinée. (1851, p. 177)

#### **As flores e os espinhos**

Do homem e da roseira tal é o destino:  
De espinhos e flores a primavera os recobre.  
Mas logo a flor se solta ao sopro das ventanias;  
Só o espinho permanece e firme se arvora.

Inspirado nessa tradição, Bomsucesso compôs quatro fábulas em quartetos, que apresentamos a seguir:

#### **Os pensadores**

Em que tu pensas? Eu ! Penso na vida.  
E no que pensas tu? Penso na morte !

Quem pensava melhor? Na insana lida,  
N' uma e n' outra pensar é certo norte ! (1895, p. 16)

#### **O sapoti**

O sapoti na relva abandonado,  
A doçura perdeu, – secou, morreu !

\*-\*

Lutando co' a miséria e o abandono,  
Morre a virtude que feliz nasceu. (1895, p. 44)

#### **O cisne**

Em imundo paúl, o cisne vai boiando,  
E não mancha sequer as néveas, claras penas.

-o-

Por entre as multidões em vícios se engolfando,  
As almas dos heróis – conservam-se serenas ! (1895, p. 98)

#### **O moinho**

Num engenho veloz pôs um mocinho  
A mão, e logo o braço,  
Depois o corpo todo, no moinho  
Foram arrebatados !

☞☞

No caminho do vício, dado um passo,  
Os outros estão dados ! (1895, p.68)

Nas três primeiras fábulas, os quartetos resumem as narrativas nos dois primeiros versos e nos dois últimos, a moralidade. Já na última, a narrativa ocupa o quarteto inteiro e a ele são acrescentados dois versos para a moralidade. Vale pontuar, também, que as figurinhas marcando o intervalo entre os dois textos, o narrativo e o moral, são recursos gráficos presentes na edição original e funcionam como verdadeiros discursos metalinguísticos, segundo a concepção de Lima (1984).

E, por último, falemos de Mário Quintana, nosso escritor do século 20. Numa entrevista publicada em *Poesia completa* (2006, p. 747), ele revela que seu pai o obrigava a decorar La Fontaine. Mas além do famoso fabulista francês,

Quintana de certo conhecia outros, entre os quais Florian, que citamos há pouco, e de quem ele traduziu o poema-fábula "Os dois gatos", publicado em *Porta giratória* (2006, p. 835).

Da vasta produção de Quintana em prosa e verso, interessa-nos a obra *Espelho mágico*, de 1951, que reúne poemas em quartetos, entre os quais há alguns que são fábulas. Reproduzimos, a seguir, primeiramente os quatro que foram mais tarde agrupados na coletânea *Poemas para a infância* (2006, p. 949-950), com pequenas alterações nos títulos:

#### **Dos Males**

Mono Velho, a gemer de gota, avista um leão.  
Qual gota! Qual o quê! Logo trepa a um coqueiro.  
Nada, para esquecer uma aflição,  
Como um grande tormento verdadeiro... (2006, p. 222)

#### **Dos Defeitos e das Qualidades**

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:  
"Mais compostura! Ó Céus! Que piruetas incríveis!"  
Pois são sempre, nos outros, desprezíveis  
As qualidades que nos faltam... (2006, p. 223)

#### **Das Alianças Desiguais**

Gato do Mato e Leão, conforme o combinado,  
Juntos caçavam corças pelo mato.  
As corças escaparam... Resultado:  
Não escapou o gato. (2006, p. 223)

#### **Das Falsas Posições**

Com a pele do leão vestiu-se o burro um dia.  
Porém no seu encalço, a cada instante e hora,  
"Olha o burro! Fiau Fiau!" gritava a bicharia...  
Tinha o parvo esquecido as orelhas de fora! (2006, p. 222)

Os dois primeiros seguem o padrão da concisão máxima, condensando a narrativa nos dois versos iniciais e a moralidade, nos dois versos finais. Já os dois últimos utilizam os quatro versos para desenvolver a narrativa e deixam, para o leitor, a tarefa de formular a moralidade. Seguem este último padrão textual os quatro quartetos que apresentamos a seguir:

#### **Dos Pontos de Vista**

A mosca, a debater-se: "Não! Deus não existe!  
Somente o Acaso rege a terrena existência."  
A Aranha: "Glória a Ti, Divina Providência,  
Que à minha humilde teia essa mosca atraíste!" (2006, p. 222)

#### **Do Outro Mundo**

Mandou chamar um moribundo  
Seus inimigos e abraçá-los quis.  
"Bem se vê (um então lhe diz)  
Que já não és deste mundo..." (2006, p. 227)

#### **Da Plenitude**

Um dia, ao Zé Caipora e ao Zé Feliz,  
Apresentou-se um gênio benfazejo.  
E, para espanto seu, "Eu nada mais desejo..."  
Cada um lhe diz. (2006, p. 228)

#### **Da Velha História**

A história de Pia e Pio

Deste modo se passou:  
Tanto ele a perseguiu  
Que ela um dia o apanhou... (2006, p. 228)

Neste último bloco, enquanto a primeira narrativa possui personagens animais antropomorfos, como a Mosca e a Aranha, as outras três apresentam personagens humanas desumanizadas pela tipificação (LIMA, 1984), como o "moribundo", o "Zé Caipora", o "Zé Feliz" ou o par "Pia e Pio".

E, por último, registre-se que o tema de "Das Falsas posições" de Quintana também aparece no *tetrástikhon* 41 de Inácio Diácono:

#### **Περὶ ὄνου καὶ λεοντῆς**

Φέρων λέοντος δέρμα τοῖς ὤμοις ὄνος  
Ἡὔχει λέων εἶναι τις, αἰπόλους τρέπων.  
Ἐπεὶ δὲ γυμνός τῆς λεοντῆς εὐρέθη,  
Τοῦτον μυλῶν ἔμνησε τῆς ἀταξίας.  
Ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι αἱ παρ' ἀξίαν τάχιστα λύονται. (MÜLLER, 1886, p. 25)

#### **Sobre o burro e a pele de leão**

Com a pele de um leão nos ombros um burro  
punha em fuga pastores, alardeando ser leão.  
Mas quando se achou sem a capa leonina,  
Um moinho o fez lembrar da transgressão.  
A fábula mostra que os juízos que excedem o mérito se desfazem bem rápido.

## **Considerações finais**

Neste estudo, fizemos um primeiro rastreamento de dados para contar a história de um formato de fábula concisa, condensada em um quarteto, que os antigos denominavam *tetrástikhon*. Esse formato de minifábula foi criado pelo poeta Bábrio, no século 1, sob influência da estética helenística. Nesse mesmo século, o *tetrástikhon* também foi praticado por Fedro, outro fabulista magistral e, coincidentemente, algumas de suas mais famosas fábulas são estruturadas em quarteto, fato que sem dúvida contribuiu para o prestígio e a permanência da forma. Do século 1 saltamos para o século 9 em busca dos *tetrástikha* de Inácio Diácono, que não só foi um emulador dos quartetos de Bábrio, como teve, nas primeiras edições de suas fábulas, seu nome confundido com o do poeta grego em sua variante Gábrias. As várias edições das fábulas de Inácio testemunham a sua grande aceitação pelos leitores, o que muito provavelmente deve ter causado algum incômodo nos fabulistas posteriores a ele, a considerar o tratamento que La Fontaine lhe dispensa: ele o trata com desdém ao mencioná-lo como "um certo Grego" e põe em questão a qualidade de suas produções, quando afirma que, no tocante à concisão, ele "exagera", passa dos limites. Em todo caso, vale notar que a menção a ele feita por La Fontaine, ainda que de forma desdenhosa, foi mais benéfica do que nociva, pois ajudou a manter vivo o seu nome, despertando, ao mesmo tempo, o interesse por suas fábulas.

Reafirmo que esta investigação consiste num primeiro rastreamento de dados sobre a história do *tetrástikhon* porque, além de Bábrio e Fedro (século 1), Inácio Diácono (século 9), Lachambeaudie e Bomsucesso (século 19), e Quintana (século 20), mencionados neste estudo, há de se encontrar sem dúvida outros autores de minifábulas na literatura ocidental.

De toda forma, vale pontuar que a fábula em *tetrástikhon* desafia o poeta a resumir em quatro versos uma estrutura narrativa fabular mínima e suficiente, o que não é pouca coisa.

DEZOTTI, M. C. C. Tradition and presence of the *tetrástikhon*, *the mini-fable*. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 245-259, 2022.

## Referências

ALCOFORADO, M. L. G. La Fontaine. In: DEZOTTI, M. C. C. (Org.). *A tradição da fábula*. De Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 151-211.

BOMSUCCESSO, A. L. *Fábulas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Companhia Impressora, 1895.

CHAMBRY, É. *Ésope. Fables*. Editio minor. Paris: Les Belles Lettres, 1927.

DEZOTTI, M. C. C. *Tekhnopáignion*: poesia para ver. In: PIRES, A. D.; FERNANDES, M. L. O. (Org.). *Matéria de poesia*: crítica e criação. Araraquara: Laboratório Editorial, 2010. p. 15-32.

DEZOTTI, M. C. C. Bábrio e a fábula pedagógica. In: BARACAT, J.; SILVA, M. A. O. (Org.). *A escrita grega no Império Romano*: recepção e transmissão. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p. 157-178. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/216906/001120943.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 28/10/2021.

FLORIAN, J.-P. C. *Fables de M. de Florian*. Lille: Blocquel et Castiaux, 1810. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5478317p/f2.item>. Acesso em 28/10/2021.

GILBERTO, C. Γαβρίου ἢ μᾶλλον Ἰγνατίου Διακόνου τετραστιχῶν εἰς μύθους Αἰσωπικοὺς δώδεκας (De Gábrias, ou melhor, de Inácio Diácono, doze fábulas esópicas em quartetos). Desdren: Johannis Riedelii, 1689. Disponível em <https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb10214975?page=12,13>. Acesso em 28/10/2021.

IRIGOIN, J. Recherche et histoire des textes grecs au XIXe siècle: autour des *Fables* de Babrios. In: LARDET, P. (org.). *La tradition vive*. Mélanges d'histoire des textes en l'honneur de Louis Holtz. Turnhout: Brepols, 2003. p. 441-446.

LACHAMBEAUDIE, P. *Fables*. 10 ed. Paris: Pagnerre, 1851. Disponível em [https://books.google.com.br/books?id=Zw2SxQEACAAJ&printsec=frontcover&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=true](https://books.google.com.br/books?id=Zw2SxQEACAAJ&printsec=frontcover&redir_esc=y#v=onepage&q&f=true). Acesso em 28/10/2021.

LA FONTAINE, J. *Oeuvres complètes*. I. Fables, contes et nouvelles. Édition établie, présentée et annotée par Jean-Pierre Collinet. Paris: Gallimard, 1991.

LIMA, A. D. A forma da fábula. *Significação*, Araraquara, v. 4, p. 60-69, 1984.

MÜLLER, C. F. *Ignatii Diaconi tetrasticha iambica 53, versus in Adamum 143*. Kiliae: Schmidt & Klaunig, 1886. Disponível em <https://play.google.com/store/books/details?id=wr8UOSQ4BCIC&rdid=book-wr8UOSQ4BCIC&rdot=1>. Acesso em 28/10/2021.

PERRY, B. E. *Babrius and Phaedrus*. London: Heinemann, 1975.

QUINTANA, M. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.